



Forte dos Andradas, 1942, Guarujá, SP.

V H Mori e Eliane Carmo.

Fotomontagem sobre pintura de Debret com lançador de foguetes

Astro II. V H Mori / IPHAN.

O constante aprimoramento dos vetores balísticos, a maior potência dos canhões e obuses, e o emprego da aviação em combate obrigaram as fortificações a se enterrarem, a fim de se tornarem “invisíveis”: “Linha Maginot”, na França; “Forte dos Andradas”, no Porto de Santos. E, assim, o Século XX (meados) marcou o fim da artilharia de posição fixa, e a defesa territorial libertou-se progressivamente dos invólucros arquitetônicos construídos sob a forma de cortinas fortificadas, deixando de pé, ou em ruínas, um acervo patrimonial de inestimável valor cultural. A artilharia evoluiu do arco e flecha ao míssil espacial, lançado de posição virtual.

Cumprе salientar que toda essa epopeia ocorreu por motivos relacionados com a presença dissuasória das Forças Armadas nas regiões onde nossos antepassados ergueram magníficos exemplares da arquitetura militar de defesa em posições fixas.

Hoje, as posições de artilharia são virtuais (foguetes e mísseis balísticos lançados de posições fugazes). A arquitetura militar de posição fixa chegou ao seu final, e as fortificações sobreviventes perderam a aptidão para o combate.

Já não se ouve o troar dos seus canhões.